

Possibilidades estético-pedagógicas por meio do *Fanzine* e do Cordel

Aesthetic-pedagogical possibilities through the Fanzine and Cordel

Ana Cristina Moraes

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora
Adjunta da Universidade Estadual do Ceará. Ceará – CE – Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8650-8272>
anakrismoraes@hotmail.com

Andrea Sales Braga Moura

Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará.
Professora efetiva da Rede de ensino Municipal da Prefeitura de Itapipoca. Ceará – CE Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4869-7375>
andreaahdc@hotmail.com

Resumo: Reflete-se sobre ações pedagógicas fomentadoras de educação estética na sala de aula com esteio na cultura popular materializadas no Cordel e no *Fanzine*, analisando como se configuram estas ações estando aliadas a processos educativos. A escolha da temática se deve ao desenvolvimento de pesquisas, bem como às intervenções pedagógicas na formação docente universitária e na educação escolar de crianças. A investigação é de natureza qualitativa, tomando-se observação, análise de práticas e depoimentos de docentes, bem como produção de dados em oficinas artístico-pedagógicas como caminho metodológico. Com base nas análises, infere-se que os educadores consideram de muita relevância o trabalho com Cordel e *Fanzine* em sala de aula, por envolver os estudantes na constituição de saberes. Há um chamamento à aprendizagem pela dimensão criativa que essas elaborações possuem.

Palavras-chave: Ações estético-pedagógicas. Cordel. *Fanzine*.

Abstract: It reflects on pedagogical actions that foster aesthetic education in the classroom with a focus on popular culture embodied in the Cordel and Fanzine, analyzing how these actions are shaped by being allied to educational processes. The choice of the theme is due to the development of researches, as well as to the pedagogical interventions in the university teaching formation and the school education of children. The research is qualitative in nature, taking into account observation, analysis of teachers' practices and testimonies, as well as data production in artistic-pedagogical workshops as a methodological path. Based on the analyzes, it is inferred that educators consider the work with Cordel and Fanzine in the classroom to be very relevant, since they involve students in the constitution of knowledge. There is a call to learning for the creative dimension that these elaborations have.

Keywords: Aesthetic-pedagogical actions. Cordel. Fanzine.



Introdução

O texto discorre sobre processos de educação estética e a importância dos acessos a saberes culturais diversificados – e em especial, a Literatura de Cordel e a criação de Fanzine em espaços socioeducativos – escola e universidade – estando inscrito num trajeto reflexivo que entrelaça temas como cultura, educação, arte e a importante busca de ampliação do repertório artístico-cultural das pessoas na possibilidade de ensejarmos práticas educativas situadas criticamente num dado contexto sociocultural.

“Ouçam todos, minha gente/ Prestem bastante atenção/ Pois hoje vamos falar/ Coisas sobre educação/ Negócio tão fabuloso/ Que amplia nossa visão”¹. Versos em Cordel anunciam a intenção primordial desses escritos: exaltar a potência da educação estética na formação cultural das pessoas, alicerçada pela cultura do romanceiro popular, elemento presente no cenário cearense. E poder discutir elaborando esteticamente (por meio de poemas populares) ideias pertinentes sobre o assunto é um elemento a mais que engrandece o presente trabalho, compreendendo-se que seria relevante para a própria discussão sobre formação de arte-educadores e de crianças criar Cordel e Fanzine sobre a temática, ou seja, refletindo sobre arte-educação, com suporte na própria elaboração artística.

A respeito do *Fanzine*, sabe-se que ele é uma revista amadora produzida individual ou coletivamente sobre temáticas e finalidades variadas cuja característica fundamental é a liberdade do(s) autores(s) na escolha da temática, bem como da forma de elaborar e de apresentar. O *Fanzine* oportuniza a expressão da potencialidade artística, criativa e comunicativa das pessoas, constituindo um poderoso instrumento de manifestação livre do pensamento acerca de qualquer aspecto da realidade cultural, social, econômica e política. Produzir *Fanzine* tende a enriquecer e tornar relevante as discussões associadas à educação estética, tanto em nível de formação docente quanto discente.

Essas reflexões são permeadas pela noção de que as ações pedagógicas propostas tendem a favorecer a ampliação do repertório artístico-cultural – mais propriamente de arte-educadores e de crianças – e, por conseguinte, a desencadear processos de educação estética. Compreendendo-se Educação Estética como processo de produção de sensibilidades, em que as pessoas se constituem em meio a um dado contexto cultural e histórico, ou seja, apreendem referências simbólicas de um tempo e espaço específicos (MORAES, 2016).

Autores como Suassuna (1996, 2008), Schiller (2011, 2009), Read (2001), Duarte Junior (1995, 2000, 2010, 2011), Guimarães (2005), Magalhães (2004), Nascimento (2010); Maranhão (2012), dentre outros, fundamentam este ensaio assinalando aspectos relevantes e imprescindíveis ao processo estético-formativo das pessoas guiado pelo campo de saber artístico, bem como ao fortalecimento identitário e à valorização de elementos culturais do nosso país como alicerce primordial dessa formação.

Educação estética e constituição de repertórios culturais

Educação estética é tomada como a educação da sensibilidade, voltando-se para a dilatação da percepção por meio de todos os sentidos – visão, audição, tato, paladar, olfato – bem como para a ampliação da criatividade e da expressividade humanas (MORAES, 2016). E o acesso aos produtos culturais diversos, incluindo-se aí as Artes, se exerce como

campo de conhecimento que tem esse poder de contribuir para a educação dos sentidos. Temos clareza de que a educação estética mais significativa é aquela em que os próprios sujeitos busquem-na por conta de seus anseios e necessidades formativas, traduzindo-se numa busca autônoma e dotada de vontade. A importância da referida educação reside na percepção da busca de um perfil pessoal e profissional em que a sensibilidade, a criatividade e o acesso aos produtos culturais por parte dos educadores se ampliem, tendo em vista sua atuação pedagógica junto a vários sujeitos, como também por determinações legais², ao exigirem que esses profissionais atuem garantindo o acesso a saberes de bases estéticas, fundados em elementos artístico-culturais.

A experimentação estética no contexto da apreciação ou da produção, é elementar em qualquer processo de educação estética. Ao assistir a um filme e discuti-lo, ao organizar e participar de um evento cultural-acadêmico, ao produzir recursos didáticos, ao envolver-se com projetos extensionistas etc., tanto alunos quanto professores fortalecem um universo coletivo de experimentações mobilizadoras de significados, que tendem a dar vazão a uma “cultura estética”. (SCHILLER, 2009). Nesse universo de experimentações, ampliam-se as possibilidades da disseminação de saberes estéticos, fazendo repercutir tais saberes também nos variados espaços socioeducativos, podendo atingir positivamente o processo educativo de crianças e jovens.

Ainda em relação à ideia de educação estética, partimos da concepção de Schiller (2011) como educação dos sentidos na busca do aperfeiçoamento das diversas formas de atuação humanas – político-social (ética), artística, espiritual etc. Schiller dá ênfase à sensibilidade e à intuição, sendo estas interligadas à razão e voltadas para a percepção e a criação da beleza. Em linhas gerais, podemos inferir que Schiller trata de uma estética comportamental, no âmbito de uma contínua busca de aperfeiçoamento educacional.

Num sentido aproximado, abraçamos a defesa da educação pela arte, defendida por Herbert Edward Read (2001), ao reforçar o pensamento de Platão (2001), de que *a arte deve ser a base da educação*. As reflexões em curso estão guiadas por essas asserções na consolidação de um projeto educativo que possibilite aberturas a uma formação integral. Nesse projeto, a educação estética, como educação dos sentimentos, é fundamental para o autor, pois o objetivo da educação, para ele, é a formação de artistas, ou seja, “pessoas sensíveis e eficientes nos vários modos de expressão” (2001, p. 12).

Duarte Junior (2010; 2011), por sua vez, defende uma “educação (do) sensível”, uma educação dos sentidos humanos como necessidade formativa no mundo atual e que se manifesta num “[...] esforço educacional que carregue em si mesmo, em métodos e parâmetros, aquela sensibilidade necessária para que a dimensão sensível dos educandos seja despertada e desenvolvida”. (2010, p. 30-31). Esse autor reforça a necessidade da educação estética na formação dos educadores, sendo esta permeada por experiências concretas que estimulem esses sentidos humanos nas interações com a realidade natural e cultural. Para ele, é preciso que educadores refinem sua sensibilidade para também possibilitarem processos educativos de bases estéticas, que fomentem o aperfeiçoamento da sensibilidade dos educandos e é nisso também que acreditamos:

Se a sociedade de nossos dias trabalha célere no sentido da anestesia geral, de modo que nos quedemos insensíveis em face da brutalidade de um mundo regido mais e mais pela competição predadora e a ela nos dediquemos com afinco, nosso papel de educadores consiste em contrapor a tal estado de coisas o encantamento com as mais singelas maravilhas de que dispomos em torno a nós, refinando a sensibilidade fundamental de que nosso corpo é dotado. (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 31).

Tendo claro que todo processo educativo é voltado a uma sensibilização, pode-se dizer que ele possui uma dimensão estética, independentemente de ser por via da arte ou não. Por ser dotado de significados e intencionalidade, um processo educativo tende a carregar consigo algum tipo de ideia, materializada em ações pedagógicas. Possibilitar momentos de experimentações estéticas por via da apreciação, criação e reflexão são fundamentais à essa aprendizagem, que requer disposição e coragem do sujeito em formação, num permitir-se contínuo, uma atitude de abertura antropofágica a novos saberes. Essa abertura é também constituída pelos estímulos pedagógicos que ele recebe. Processos de imersão cultural precisariam, pois, se tornar uma realidade constante nesse caminho formativo de elaboração de seu repertório, porquanto essa prática também possibilita a abertura da percepção sobre variadas culturas, bem como amplia os saberes dos arte-educadores e a intenção de crescimento cultural. Tende-se a fazer emergir, com isso, processos de educação estética. Nessa direção, sabemos o quanto Ariano Suassuna (2008) teve sua relevância ao defender calorosamente a apropriação da cultura brasileira – pelos brasileiros – na criação de processos de identificação e de valorização da cultura nacional. Essa apropriação, a nosso ver, é algo essencial na formação dos educadores, por requerer deles um mergulho na própria cultura para extrair dela elementos culturais imprescindíveis aos processos de ensino de crianças e jovens.

A necessidade da formação de arte-educadores no campo de conhecimento estético tendo a arte como fundamento – enfocando a sua produção, análise e apreciação (BARBOSA, 2003, 2008) – é premente no atual momento sócio-histórico, dadas as crescentes demandas por profissionais ao campo de saber artístico na educação básica, bem como a oferta obrigatória do ensino de artes nos currículos escolares.

Cordel como elemento cultural imprescindível à formação do educador cearense... e brasileiro

Ao abraçarmos a Literatura de Cordel como uma, dentre tantas possibilidades para a apropriação de um dos elementos culturais bastante vivos, especialmente no Nordeste do Brasil, lançamos, a futuros arte-educadores³, o desafio de explorar esse artefato, seja como elemento cultural significativo, seja até mesmo como recurso didático que favoreça aprendizagens de leitura, escrita e estímulo à imaginação literária.

O Cordel é gênero literário popular, consagrado ao longo de décadas e popularizada no Brasil sob a influência de colonizadores europeus. O termo Cordel ficou cravado nesse gênero por conta da tradicional forma de exposição e venda dos folhetos, que ficavam presos a cordões. Esse folheto pode ou não vir ilustrado com xilogravuras⁴, outra importante tradição da cultura popular. Esses poemas populares nordestinos, que ainda sobrevivem, são herdeiros diretos da tradição grega, eivada de influências dos trovadores medievais da Península ibérica. Esses poemas, antes difundidos pela tradição oral, passaram a ser publicados sistematicamente, a partir da última década do século XIX, a princípio, pelo poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (VIANA, 2010, p. 12).

Como manifestação da literatura popular tão presente no Nordeste brasileiro, algumas iniciativas vêm se desenvolvendo com o Cordel. Mesmo que incipientes, as práticas formativas que o envolvem tendem a se ampliarem, se houver iniciativas persistentes em relação a isso:

Cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da Região Nordeste, pela Literatura de Cordel. Esse poderoso veículo de comunicação de massas, que já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, tem sido responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos, constituindo, em muitos casos, o único tipo de literatura a que tinham acesso as populações rurais na primeira metade do século XX. (VIANA, 2010, p. 12).

Esse “professor folheto” nos ensina a relevância de práticas e artefatos lúdicos nos processos de ensino; o Cordel possui essa peculiaridade de expor narrativas de modo, ao mesmo tempo, brincante e organizado com uma métrica e rima próprios que nos envolvem integradamente com seus aspectos racional e imaginativo. Saberes como História, Português, Artes etc. podem ser explorados com base nos folhetos de Cordel. Com essa perspectiva, os docentes tanto podem estimular pesquisas em cordéis temáticos com seus alunos, como também podem desenvolver leituras e criações juntamente com eles⁵.

No âmbito universitário, realizamos algumas experiências em sala de aula envolvendo Cordel. Na aula da disciplina Arte-educação, foram expostos variados folhetos que foram escolhidos livremente e lidos por cada estudante. Após isso, lançamos o desafio a eles para criarem, juntos, um Cordel. Os versos a seguir foram, assim, resultado de um exercício em duplas em que, a partir de um mote – que se tornou o título do próprio Cordel “Arte-educação e seus encantos” – cada par escreveu em sextilhas e logo após reunimos todas as estrofes, formando um só folheto. Essa iniciativa de produção de cordéis em sala de aula tem, assim, o propósito de estimular futuros docentes a conhecerem e se apropriarem de elementos da cultura brasileira, particularmente do Nordeste – locus primordial de atuação destes – com o intuito de trabalharem com esses saberes culturais em suas práticas pedagógicas⁶: “[...] Traz consigo muita história/ De sua vida ela faz parte/ E impregna na memória/ Porquanto se chama Arte/ Que torna tudo bonito/ Da canção ao estandarte. [...] Os encantos dessa vida/ Sentimos desde criança/ Na pintura, no desenho/ Ou mesmo através da dança/ É beleza admirável/ Que provoca em nós mudança [...]”.

Com base em depoimentos colhidos nas entrevistas, a maioria dos futuros pedagogos realça a relevância desta e de outras práticas pedagógicas arte-educativas, por envolver saberes da cultura popular brasileira, sendo parte de nossas vivências: “Perceber-se capaz de escrever poemas em Cordel é algo mágico, transformador. Faz você vivenciar a própria cultura de forma consciente”. (Estudante 01); “Quero multiplicar essa aprendizagem em minha prática docente. Pode ser motivante para crianças que estão no Ensino Fundamental aprender por meio de uma cultura tão próxima de nós, de seus familiares”. (Estudante 02). Percebemos, assim, o quanto se faz relevante ampliarmos e aprofundarmos essas práticas pedagógicas embasadas em saberes da cultura popular, para que se faça conhecer e se criar um sentimento de pertença em relação a estes saberes.

O Fanzine e sua multiplicidade de forma e contexto temático

A origem do termo *Fanzine* está explicitada por Magalhães (2004, p. 11) no trecho a seguir: “O termo Fanzine é a contração de *fanatic* e *magazine*, do inglês, significando *magazine do fã*”. E complementa: “é uma publicação independente e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa em fotocópias ou pequenas impressoras. É editado por fãs de alguma arte, personalidade, passatempo, gênero ou expressão artística, para um público aficionado”. O *Fanzine* é, pois, uma espécie de revista que tem como característica fundamental a liberdade temática e expressiva do autor⁷.

De acordo com Nascimento (2010), o *Fanzine* se assemelha a um jornal ou revista, pois agrega alguns de seus elementos, mas é produzido artesanalmente, de baixo custo e sem fins lucrativos. Por ser uma publicação amadora, o autor escolhe livremente o que escrever. O conteúdo de sua escrita, porém, é fruto de sua vontade, assim como a linguagem que utiliza em sua produção.

Segundo Magalhães (2004, p. 17) “é certo que os *fanzines* surgiram no seio da ficção científica, mas não demorou muito para que a ideia se propagasse por outros gêneros artísticos [...]”. Os *fanzines* surgiram abordando temas de ficção científica, mas, com o passar do tempo, ganharam outros espaços e envolveram outras temáticas. De acordo com Guimarães (2005, p. 19) “a diversidade dos *Fanzine* aumentou, hoje há praticamente todo tipo de Fanzine”. Em seus primórdios, os *fanzines* tinham como finalidade, quase que exclusivamente, a divulgação de bandas, ou seja, a temática central eram as bandas musicais, entretanto, em pouco tempo, os *fanzines* foram agregando outros temas, de modo que hoje abordam uma considerável diversidade de temáticas.

O material básico necessário para a produção de um *Fanzine* resume-se a: papel, caneta, tesoura, cola, grampeador e revistas para recortes de gravuras. São materiais baratos, de fácil manuseio e que podem ser conseguidos facilmente na escola para uso pelos alunos em suas aulas. Além disso, o *Fanzine* nasce a partir de uma ideia, que pode ser expressa em uma folha que está aberta a diferentes possibilidades de tamanhos, de estética e de significados.

A utilização do *Fanzine* na sala de aula, por ser um recurso diferenciado, é importante porque ajuda o professor no envolvimento dos alunos na construção do conhecimento. “Zines como recursos pedagógicos podem ser ferramentas auxiliares a trabalhos de pesquisa de temas e/ou conceitos importantes dentro de determinadas disciplinas acadêmicas, e também podem contribuir para trabalhos com temas transversais” (MARANHÃO, 2012, p. 71). Por meio do *Fanzine* o aluno manifesta livremente suas ideias, utilizando-se das diversas linguagens disponíveis: escrita, desenhos, colagens ou uma combinação delas. Na produção do *Fanzine*, o aluno aprende a melhor se relacionar nos trabalhos em grupo e atua como sujeito ativo do conhecimento em direção ao desenvolvimento da sua consciência crítica. Para Andraus e Santos Neto (2010, p. 31) “na experiência da fanzinagem uma possibilidade excelente para exercício da criação, da expressão da própria forma de ver o mundo e também para o desenvolvimento da capacidade de autoria”. A prática de fanzinagem possibilita ao autor do *Fanzine* o exercício da criatividade e manifesta a expressão da sua visão sobre o mundo. Segundo Maranhão (2012, p. 71): “Há uma tendência à crença de que apenas algumas pessoas são criativas enquanto outras não. Entre os que são criativos, os artistas figurariam como seres exemplares. Nada mais injusto de se supor, especialmente para aquele que nunca foi dado a tarefas artísticas”.

Muitas vezes em sala de aula a criança é rotulada como uma criança que não tem criatividade, porém, às vezes, o que a criança precisa é de um olhar mais atento e um recurso pedagógico inovador que possa aguçar suas habilidades. Para a produção do *Fanzine* os alunos conversam sobre o trabalho que vai ser realizado, dialogando com os colegas sobre como será a produção. O *Fanzine* pode ser trabalhado na sala de aula pelos alunos individualmente ou em equipe. A vantagem de trabalhar em equipe é que proporciona condições para o “[...] aprimoramento da experiência da alteridade, da escuta sensível e da consideração do ponto de vista de outros; ou seja, a prática da elaboração grupal de zines incentiva modos de aprender a conviver” (MARANHÃO, 2012,

p. 67). Quando o *Fanzine* é realizado em equipe, ele proporciona a interação com o outro, criando um ambiente de respeito às opiniões diferentes dos colegas e do desenvolvimento da sensibilidade de aprender a ouvir sugestões. Os *fanzines* produzidos em grupo incentivam o aluno a aprender a conviver em grupo. Esses artefatos deixam seus autores livres, pois não existem padrões a serem obedecidos e, com isso, o autor se liberta e deixa a imaginação fluir, não se apegando a normas, mas sim, a possibilidades de criações. Para Oliveira (2015, p. 26) “Os *fanzines* são, desde seu início, veículos de informação, socialização, debates e circulação de ideias”. O *Fanzine*, além de aguçar a criatividade, ainda proporciona laços de amizade e solidariedade para com o próximo, pois ao fazer o *Fanzine*, a partilha de ideias e de materiais é constante.

Além da produção, é muito relevante também a leitura do *Fanzine*, pois a partir desse exercício estamos fazendo uma imersão na subjetividade e no olhar de quem o escreveu, que pode ser vista e interpretada sob vários ângulos. Segundo Lima e Miranda (2010, p. 48) “A leitura de um *Fanzine* é, por vezes, um convite à leitura de um mundo usualmente não encontrado nas revistas, jornais ou programas televisivos do dia-a-dia”. É uma leitura em que mergulhamos na subjetividade do autor, envolvendo anseios, desejos e saberes e, a partir dessa leitura, podemos fazer uma releitura, colocando nossa visão de mundo também.

Observa-se ainda que esta produção, sendo utilizada na sala de aula, possibilita aos alunos o conhecimento, a criatividade, e a ludicidade. Nessa direção, Meireles (2010, p. 119) afirma: “[...] o lado lúdico das coisas não precisa excluir a seriedade com a qual tudo deve ser realizada. [...] o bom-humor, o entusiasmo e a brincadeira são fundamentais para a dedicação sincera e o resultado autêntico de um belo trabalho social que inclua arte, comunicação e educação”. Seu uso como recurso utilizado em sala de aula foi constatado através de uma prática desenvolvida por Moura, Therrien e Farias (2017, p. 07) na disciplina de Geografia com alunos do Ensino Fundamental, conforme se percebe no trecho a seguir: “Foi possível perceber através das escritas elaboradas nas páginas do *Fanzine* que houve uma aprendizagem significativa, pois, os alunos entenderam a importância de economizar água [...] por ser um bem muito precioso para a vida”. Sobre o processo de elaboração, os autores analisam: “Importa destacar que, no momento da confecção do *Fanzine* em sala de aula, os alunos comportaram-se de forma muito respeitosa e colaborativa com os colegas”. Isso revela que o *Fanzine* é, indiscutivelmente, um recurso que se mostra útil na construção do conhecimento pelo aluno em disciplinas escolares. No momento da escrita, os alunos dialogavam muito sobre o tema e como iriam abordá-lo no *Fanzine*. Alguns utilizaram somente a linguagem escrita, outros fizeram uso da escrita e do desenho, e outros de escrita e colagem de gravuras na confecção do trabalho.

É importante observar algumas de suas escritas sobre o significado por eles atribuído à água: “Temos que valorizar a água, pois ela é um recurso que pode faltar” (Estudante 01); “A água é muito importante para a nossa vida por que é a nossa sobrevivência, nós precisamos muito dela para beber” (Est. 02); “Há lugares no mundo que sofrem com a falta de água. Precisamos economizar, pois a água é um recurso que um dia pode faltar” (Est. 03); “A água é fundamental na nossa vida, sem água nós não viveremos, nós precisamos de água para a nossa higiene e para beber” (Est. 04); “A água é muito importante no mundo, devemos usá-la de forma correta e cuidadosa” (Est. 05). As manifestações escritas permitem perceber que, por meio da oficina de *fanzines*, houve uma aprendizagem significativa sobre o tema água. Diante do relatado dirigimos a reflexão

sobre o seu uso enquanto experiência estética. Segundo Silva (2017, p. 62) “A estética do Fanzine é simples, mas com um teor fortemente expressivo de subjetividades em um suporte comunicacional. Portanto, disseminador”. Ao produzi-lo, o autor vivencia uma experiência que aguça o seu sentido para trabalhar uma ideia, usando para isso a criatividade, a imaginação de forma lúdica, como também exercita a sua sensibilidade para com as produções já existentes ou que venham a ser produzidas por outros autores. De acordo com Nascimento (2010, p. 45): “Mais do que um formato, observo que este fazer possui uma estética própria que inspira um fazer pedagógico que não se prende a planejamentos, teorias e um espaço institucionalizado. [...] é um fazer espontâneo”. É possível, pois, vivenciar uma experimentação estética, a criatividade, a expressividade, e a autoralidade no ato de produzir um *Fanzine*. Para Andraus e Santos Neto (2010, p. 44) “os *fanzines*, por serem “livres” de amarras de padrões, são também ‘libertários’, por permitirem uma construção nova, em que o autor se percebe capaz de criar [...]”. Com isso, o autor se liberta e deixa a imaginação fluir não se apegando a normas, mas sim, a possibilidade de criações estéticas.

Considerações Finais

Foi possível constatar que o *Fanzine* e o Cordel emergiram como saberes e práticas possíveis de serem trabalhados pelos professores em suas intervenções pedagógicas, por despertar no estudante a manifestação do seu conhecimento prévio, como também, um conhecimento mais elaborado através das discussões em sala de aula juntamente com o professor.

Sobre as criações das páginas do *Fanzine*, parece ter havido uma aprendizagem significativa, pois os alunos entenderam a importância de economizar água e a consciência de comunicar às pessoas o quanto é necessário cuidar e economizá-la por ser esse um bem muito precioso.

No referente à elaboração coletiva do Cordel em sala de aula, também observamos que esta vivência representou significativa experimentação estética, fazendo com que os estudantes universitários se aproximassem de manifestações culturais populares que pareciam estar adormecidas ou distanciadas de seu universo juvenil, mas que é algo presente, necessitando apenas darmos mais visibilidade e valorização da Literatura Popular.

Pensamos que, com tudo isso, é relevante nutrir nossas práticas pedagógicas cotidianas com saberes que envolvam aprendizagens estéticas, elementos culturais que se referem ao nosso contexto mais próximo, nacional ou regional, para referendar os ensinamentos de Suassuna (2008), sendo também necessário criar formas mais atraentes para potencializar saberes, visando torná-los efetivamente marcantes na vida de cada estudante e educador envolvido.

Notas

- 1 Moraes (2015).
- 2 BRASIL (1996; 2015; 2006; 2000).
- 3 Considerando-se o arte-educador como aquele profissional que tanto ensina Artes como também cria, produzindo artefatos artísticos, a exemplo do Cordel e do Fanzine.

- 4 Xilogravura significa gravura em madeira. Antiga técnica de entalhe de desenho na madeira para que seja reproduzido com tinta em papel. É de origem chinesa e foi extensamente apropriada pela cultura brasileira, em especial no Nordeste.
- 5 Importante iniciativa para disseminar a ideia de se trabalhar com o Cordel nas escolas é o Projeto Acorda Cordel, proposto a mais de dez anos pelo cordelista cearense Arievaldo Viana e que vem se expandindo por instituições educativas de variadas cidades do Estado do Ceará. Com material didático próprio, o Projeto referido, estimula os educadores a se envolverem, de diversas formas, com esse universo da cultura popular e, com isso, também envolverem os estudantes de todas as idades.
- 6 Moraes; *et al.* (2016).
- 7 A respeito desta temática, ver Dissertação de Mestrado (UECE, 2018) intitulada “O fanzine e a formação estética de professores do Ensino Fundamental: constituição dialógica”, de Andrea Sales Braga Moura.

Referências

- ANDRAUS, Gazy; SANTOS NETO, Elydio dos. Dos zines aos biograficines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. In: MUNIZ, Cellina Rodrigues. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae (org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (Lei Nº 9.394/96). Brasília – DF: MEC, 1996.
- BRASIL. Resolução do Conselho Nacional de Educação/CP. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação em Nível Superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda graduação) e Para a Formação Continuada*, 2015.
- BRASIL. Resolução do Conselho Nacional de Educação /CP. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia*, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Secretaria de educação fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Por que arte-educação?* 22. Ed. Campinas-SP: Papyrus, 2011.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *A montanha e o videogame: escritos sobre educação*. Campinas – SP: Papyrus, 2010.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Tese de Doutorado. UNICAMP: Campinas-SP (mimeo), 2000.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. 4. Ed. Campinas-SP: Papyrus, 1995.
- GUIMARÃES, Edgar. *Fanzines*. 3 ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.
- LIMA, Tiago Régis de; MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividades de papel. In: MUNIZ, Cellina Rodrigues. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- MAGALHÃES, Henrique. *A nova onda dos fanzines*. João Pessoa: Marca da fantasia, 2004.
- MARANHÃO, Renata Queiroz. *Fanzines nas escolas: convite à experimentação*. Fortaleza: EdUece, 2012.
- MORAES, Ana Cristina. *Educação Estética na Universidade: antropofagias e repertórios artístico-culturais de estudantes*. Curitiba/Fortaleza: CRV/EDUECE, 2016.
- MORAES, Ana Cristina. *Educação Estética e Cultura Numa Peleja Medonha Com Descasos de Governantes*. (Folheto de Cordel). Fortaleza: LiterAto/ EdBar, 2015.
- MORAES, Ana Cristina. *(et al). Culturas Juvenis e Redes Sociais (I) / Arte-educação e Seus Encantos (II)*. (Folheto de Cordel). Fortaleza: LiterAto/ EdBar, 2016.

- MEIRELES, Fernanda. Zines em Fortaleza (1996-2009). In: MUNIZ, Cellina Rodrigues. *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 98-120.
- MOURA, Andréa Sales Braga; THERRIEN, Jacques; FARIAS, Naisis Castelo Branco Andrade. Trabalhando o significado da água através do fanzine. *In: IV Seminários de práticas educativas, memórias e oralidades – IV SEPEMO*, 4., 2017, Fortaleza. Anais do IV SEPEMO Fortaleza: EdUECE, 2017. p.577-583.
- NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. *Pedagozinando em sala de aula: artes de dizer e pedagogia de fazer*. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.
- OLIVEIRA, Antônio Carlos de. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHILLER, Friedrich. *A Educação estética do homem*. São Paulo: EPU, 2011.
- SCHILLER, Friedrich. *Cultura estética e liberdade*. São Paulo: Hedra, 2009.
- SILVA, Maria Aparecida Alves. *Fanzines narrativos: um olhar sobre as identidades profissionais de professores de uma escola pública*. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 2017.
- SUASSUNA, Ariano. *Almanaque Armorial*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. 4. edição. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
- VIANA, Arievaldo. *Acorda cordel na sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação*. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

recebido em 29 jan. 2019 / aprovado em 15 fev. 2019

Para referenciar este texto:

MORAES, A. C.; MOURA, A. S. B. Possibilidades estético-pedagógicas por meio do Fanzine e do Cordel. *Dialogia*, São Paulo, n. 31, p. 197-206, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/Dialogia.n31.11436>>.